

## MONTEIRO LOBATO E JOSÉ LINS DO REGO: UM DIÁLOGO POSSÍVEL NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL BRASILEIRA<sup>1</sup>

Amanda Karoline Alves da Costa

Graduanda em Licenciatura em Letras Português e Espanhol na UFRPE - Sede

**RESUMO:** A obra literária de Monteiro Lobato que toma como público as crianças constitui um marco importante na literatura infantojuvenil brasileira. O criador do Sítio do Pica-pau Amarelo tornou-se o escritor do porviroscópio, por sua visão de mundo voltada para o progresso e repleta de ideias arrojadas para o desenvolvimento socioeconômico do país. Lobato acreditava na influência da literatura na formação do homem, por isso dedicou-se a produzir para crianças, uma vez que as enxergava como edificadoras do futuro Brasil, desenvolvido social, econômica e culturalmente. Nacionalista crítico, dedicou-se à pesquisa das raízes culturais brasileiras, erigindo no Sítio um imaginário ficcional cujas histórias são contadas com auxílio de várias personagens que integram o folclore nacional, tais como o saci e a cuca. Tal interesse pelo folclore brasileiro não foi prerrogativa de Monteiro Lobato. Outros escritores, nas primeiras décadas do século XX, hoje consagrados como clássicos, voltaram-se a escrever livros narrando histórias recolhidas da sabedoria popular. Neste artigo, iremos estabelecer uma relação entre as histórias contadas nos livros *Histórias da Velha Totônia* (1936), de José Lins do Rego, e *Histórias de Tia Nastácia* (1937), de Lobato. A narrativa oral de cunho folclórico é o pano de fundo das obras, que reúnem textos da tradição oral europeia, indígena e africana - bases em que se apoia o imaginário do folclore brasileiro. Através de uma comparação entre os recursos temático-estilísticos utilizados pelos autores, apontaremos para a existência de uma produção literária consistente para o público infantil que dialoga diretamente com o universo ficcional que, aos poucos, fomentou em Monteiro Lobato a criação do imaginário do Sítio, dando-lhe base para a escritura da obra literária infantojuvenil até hoje mais importante da literatura brasileira. Para tanto, embasamo-nos em estudiosos como Arroyo (2011), Benjamin (1994), Coelho (2010), Perrone-Moisés (2007), entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Monteiro Lobato; José Lins do Rego; Tradição Oral; Contos Populares; Literatura Infantil.

**RESUMEN:** La obra literaria de Monteiro Lobato, que tiene a los niños como público, constituye un hito importante en la literatura infantil brasileña. El creador del sitio del pájaro carpintero amarillo se convirtió en el escritor del “porviroscópio” por su cosmovisión orientada hacia el progreso y lleno de ideas audaces para el desarrollo socioeconómico del país. Lobato creía en la influencia de la literatura en la formación del hombre, por lo que se dedicó a producir para niños, ya que los veía como constructores del futuro Brasil, social, económico y culturalmente desarrollado. Crítico nacionalista, se dedicó a la investigación de las raíces culturales brasileñas, erigiendo, en el sitio, un ficticio imaginario cuyas historias se cuentan con ayuda de varios personajes que integran el folklore nacional, como Saci y Cuca; tal interés en el folklore brasileño no era prerrogativa de Monteiro Lobato; otros escritores, en las primeras décadas del siglo XX, hoy consagrados como clásicos, recurrieron a la escritura de libros que narran historias recopiladas de la sabiduría popular. En este artículo, estableceremos una relación

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Letras (Português-Espanhol), UFRPE, sob orientação da professora Sherry Morgana Justino de Almeida, em 2019.2. Este trabalho já foi apresentado como comunicação oral no III Conali - Congresso Nacional de Literatura realizado na UFPB em 2016.

entre las historias contadas en los libros *Histórias da Velha Totônia* (1936), de José Lins do Rego, e *Histórias de Tia Nastácia* (1937), de Monteiro Lobato. Por lo tanto, nos basamos en académicos como Arroyo (2011), Benjamin (1994) y Coelho (2010). La narración oral del folklore es el trasfondo de las obras, que reúnen textos de la tradición oral europea, indígena y africana, bases en las que se apoyan las imágenes del folklore brasileño. A través de una comparación entre los recursos temático-estilísticos utilizados por los autores, señalaremos la existencia de una producción literaria consistente para los niños, que dialoga directamente con el universo ficticio que gradualmente fomentó en Monteiro Lobato la creación del imaginario del Sitio, dándole la base para la escritura de la obra literaria infantil y juvenil más importante de la literatura brasileña.

**PALABRAS CLAVE:** Monteiro Lobato; José Lins do Rego; Narración Oral; Cuentos Populares.

## **1 Introdução**

A literatura infantil brasileira dava seus primeiros passos no final do século XIX. O momento histórico era bastante conturbado devido à abolição da escravatura e à proclamação da república. O sistema educacional brasileiro era precário e o país clamava por um desenvolvimento que só seria possível através do investimento na formação intelectual de seus futuros cidadãos. Atentos para este fato, escritores que normalmente produziam obras destinadas ao público adulto preocuparam-se com as crianças e as especificidades de seu processo educacional.

De maneira geral, podemos afirmar que esse período – em que as obras infantojuvenis eram criadas pensando-se apenas na escolarização – estende-se até as duas primeiras décadas do século XX e é marcado pelo surgimento dos livros de leitura, que eram adotados pelas escolas com uma dupla função: educar o intelecto e propagar a moral e os bons costumes ditados pela burguesia. Era “uma educação orientada para consolidação dos valores do Sistema herdado (= mescla de feudalismo, aristocratismo, escravagismo, liberalismo e positivismo)”. (COELHO, 2010, p. 223).

Adaptações de obras infantis europeias e alguns livros originais fazem parte desta literatura infantojuvenil do entresséculos. Dentro da temática do Folclore, destacamos *Contos da Carochinha* (1896), de Figueiredo Pimentel, que, por se preocupar em “traduzir em linguagem brasileira os contos infantis que circulavam em várias coletâneas estrangeiras ou em traduções portuguesas” (COELHO, 2010 p. 233), pode ser considerado um precursor do que faria o escritor paraibano José Lins do Rego com o lançamento de *História da velha Totônia* (1936) e também do *Histórias de Tia Nastácia* (1937), escrito por José Bento Monteiro Lobato (1982-1948).

Lobato começa a escrever literatura infantil motivado pela ausência de obras adequadas para estimular o gosto literário de seus filhos, pois observou que eles pouco se importavam com as morais presentes no fim das histórias que a mãe lhes contava. A estreia do autor taubateano na ficção destinada ao público infantil ocorreu em 1921, com a publicação de *A menina do narizinho arrebitado – segundo livro de leitura*, que carregava este subtítulo por se tratar de uma versão escolar. Consoante Arroyo (2011), o subtítulo é uma espécie de concessão realizada pelo escritor para poder adentrar no mercado editorial dos livros infantis, uma vez que o conteúdo da obra era amplamente lúdico.

Focou no gênero didático, algo que já havia sido feito por outras editoras, e enviou um exemplar de *A Menina do Nariz Arrebitado* para análise do governo de São Paulo, que aprovou seu uso no segundo ano das escolas públicas, resultando na venda de 30 mil exemplares. “Outra novidade da revolução editorial promovida por Lobato foi a mudança no padrão gráfico do livro, através de uma programação visual sofisticada e tipografia elegante, atentando, ao mesmo tempo, para a revisão rigorosa da composição e provas finais.” (AZEVEDO et al., 2000 p. 66).

Conforme uma carta enviada a seu amigo Godofredo Rangel, com quem manteve correspondência durante quarenta anos, o autor revela algo que norteará toda sua produção infantojuvenil, que é provocar o interesse e o gosto pela leitura: “Mando-te *Narizinho* escolar. Quero tua impressão de professor acostumado a lidar com crianças. Experimente nalgumas, a ver se se interessam. Só procuro isso: que agrade às crianças”. (LOBATO, 1951 p. 228). Além disso, o autor demonstra consciência do único aspecto valorativo no tocante à literatura infantil consoante Arroyo (2011, p. 12): o gosto do leitor.

Por outro lado, José Lins do Rego (1901-1957) foi um romancista paraibano considerado pela crítica literária um ilustre representante do regionalismo de 30 graças às obras que abordam a temática da exploração da cana-de-açúcar no nordeste brasileiro. O aspecto biográfico na obra do escritor está presente não só no livro de memórias, *Meus Verdes Anos* (1956), mas também em *Menino de Engenho* (1932), livro responsável por introduzir a personagem Velha Totônia na ficção:

A Velha Totonha<sup>2</sup> de quando em vez batia no engenho. E era um acontecimento para a meninada. Ela vivia de contar histórias de Trancoso. Pequenina e toda engelhada, tão leve que uma ventania poderia carregá-la,

---

<sup>2</sup> Especulamos que o fato de a grafia oscilar entre “Totônia” e “Totonha” nas obras de José Lins do Rego aconteça por causa da pronúncia deste nome, pois o escritor utilizava, na escrita de seus textos literários, muitas palavras da forma em que eram pronunciadas oralmente.

andava léguas e léguas a pé, de engenho a engenho, como uma edição viva das *Mil e uma noites*. Que talento ela possuía para contar as suas histórias, com um jeito admirável de falar em nome de todos os personagens! Sem nem um dente na boca, e com uma voz que dava todos os tons às palavras. As suas histórias para mim valiam tudo. (REGO, 2001 p. 79).

Ainda envolvendo a personagem, o próprio José Lins, numa entrevista concedida ao jornal *Tribuna da Imprensa* em 1957 (cf. REGO, 2010 p. 49), confessa que ela foi figura importante de sua infância, tendo contribuído para a sua formação literária como romancista tanto quanto a leitura do livro *Carlos Magno e os Doze Pares da França*.

Em 1936, Rego publicou aquele que seria seu único livro infantil: *Histórias da Velha Totônia*. A obra consiste numa seleção de quatro contos folclóricos que, segundo as versões encontradas em *Contos Populares do Brasil* (1885), de Silvio Romero, pertencem à tradição oral africana: *O sargento verde*; ou europeia: *A cobra que era uma princesa*, *O príncipe pequeno* e *O Macaco Mágico*.

Em seu livro de memórias, *Meus Verdes Anos* (1956), o escritor revela que foi uma criança com saúde debilitada devido à asma, que era tratada com vomitórios de cebola sem-sem, mas alega que “a velhinha valia para mim mais que todos os vomitórios. Aos poucos as princesas e os príncipes, o rei e a rainha, as moças encantadas começavam a viver no meio de todos nós”. (REGO, 1956 p. 145).

Esse poder que a fantasia tem de encantar uma pessoa atenta ao que está sendo narrado a ponto de fazê-la esquecer da realidade por alguns instantes é apresentado por Benjamin (1994) como um fator que contribui para o desenvolvimento do que seria o “dom narrativo”:

Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. (BENJAMIN, 1994 p. 205).

A partir deste ponto, o teórico discorre acerca de aspectos da narrativa que considera importantes, como a memória, a qual é elevada ao posto de musa da narrativa:

A *reminiscência* funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração. Ela corresponde à musa épica no sentido mais amplo. Ela inclui todas as variedades da forma épica. Entre elas, encontra-se em primeiro lugar a encarnada pelo narrador. Ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si. Uma se articula na outra, como demonstraram todos os outros narradores, principalmente os orientais. Em cada um deles vive uma Scherazade, que imagina uma nova história em cada passagem da história que está contando. Tal é a *memória* épica e a musa da narração. (BENJAMIN, 1994 p. 211).

Segundo o autor, memória e reminiscência andam juntas, então é possível inferir que o ato de contar histórias oralmente contribui para o enriquecimento do imaginário coletivo de um povo através de conhecimentos e habilidades do contador, além de ser o exercício da “faculdade de intercambiar experiências” (1994, p. 1), pois “a experiência que passa de pessoa para pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”. (BENJAMIN, 1994 p. 2).

Essas asserções não estigmatizam a literatura oral como inferior por pertencer a um acervo de conhecimento popular e diferem da visão dos literatos do século XVII, que desvalorizaram o livro *Os Contos de Mãe Gansa*, de Charles Perrault, pelo fato dele ser constituído por narrativas orais (cf. COELHO, 2010, p.85). Essa ausência de hierarquização do saber corrobora com a visão que Lobato tinha da sabedoria popular e aparece nas falas de Pedrinho e de Dona Benta, como se verá mais adiante.

## **2 Lobato, Rego e os contos populares**

Após esta breve incursão nos aspectos inerentes à tradição oral e à narrativa, interessa-nos especialmente pôr em diálogo os livros *Histórias da Velha Totônia* (1936), de Rego, e *Histórias de Tia Nastácia* (1937), de Lobato. No que diz respeito ao conteúdo, de acordo com o inventário de contos populares feito pelo folclorista Silvio Romero no século XXI (cf. Romero, 2007), o livro de Rego é composto por quatro contos, sendo três de origem europeia: “O macaco mágico”, “A cobra que era uma princesa” e “O príncipe pequeno”. O quarto, chamado “O sargento verde”, seria de origem europeia.

O primeiro deles conta a história de Felisberto, o macaco ao qual o título se refere, que toca sua flauta e encanta alguns bichos da floresta no intuito de ajudar um pobre marceneiro a se casar com a filha de um rei:

O macaco Felisberto era um mágico. E tinha uma gaita que era o mesmo que uma vara de condão. [...] E quando Felisberto chegou no meio da mata, tirou sua flauta do bolso e começou a tocar. E começaram a chegar veadinhos novos para ouvir o toque do macaco. E quando já tinham cem, Felisberto reuniu todos e saiu tocando sua flauta. Os bichos iam atrás de Felisberto embebedos, de ouvidos abertos para o canto. (REGO, 2010 p. 14).

O que chama atenção no trecho acima é o fato de o instrumento musical tocado por Felisberto ser descrito primeiro como uma gaita e depois como uma flauta, o que

interpretamos como uma variação característica das narrativas orais que José Lins resolveu manter em seu livro infantil. Além disso, pudemos perceber a presença de elementos da lenda alemã sobre o flautista de Hamelin, que se tornou mais popular entre as crianças após sua publicação no livro de contos de fadas escrito pelos irmãos Grimm.

Enquanto Rego reconta a história a seu modo transformando o macaco em protagonista, quando o mesmo conto aparece em Histórias de Tia Nastácia sob o título de “O doutor Botelho” o papel principal é do marceneiro, sendo a versão lobateana mais fiel à encontrada em *Contos Populares do Brasil* (2007), da autoria de Silvio Romero. Após o término da história, surgem as críticas:

— Essa história — disse Narzinho — é uma corrupção da velha história do Gato de Botas, que li nos Contos de Fadas do tal senhor Perrault. Mas como tia Nastácia contou está muito mais ingênua. — Serve para mostrar como o povo adultera as histórias — disse dona Benta. — Neste caso do doutor Botelho vemos uma tradução popular do Gato de Botas.— Mas tradução bem malfeitinha — disse Emília. — Tudo na história é daqui do Brasil, até o macaco e as bananas [...]. (LOBATO, 1969 p. 146).

Ainda sobre esse conto, as crianças questionam uma frase dita pelo macaco Felisberto no final, e têm a sua dúvida sanada por Dona Benta:

E a tal resposta do macaco ao rei: "Foi o doutor Botelho, amigo do macaco da bota do jabotelho?" Que significa isso? Que bota é essa? — Não significa coisa nenhuma — disse dona Benta. — Bobagem. O tal jabotelho, que não é nada, está ali apenas para rimar com Botelho. — E a bota? — Essa bota foi o único restinho que ficou das botas do Gato de Botas. (LOBATO, 1969, p. 99-100).

Nos trechos acima é possível notar, ainda, características das narrativas orais, pois a história vai sendo alterada conforme passada adiante, e também há adaptações de acordo com a “cor local”, assim como fazia a Velha Totônia: “o que fazia a velha Totonha mais curiosa era a cor local que ela punha nos seus descritivos. Quando ela queria pintar um reino era como se estivesse falando dum engenho fabuloso. Os rios e as florestas por onde andavam os seus personagens se pareciam muito com o Paraíba e a Mata do Rolo”. (REGO, 2001 p. 65).

Por sua vez, o livro de Lobato é composto por 43 contos populares, de origem europeia, indígena e africana. Como exemplo inicial, o último conto, o *Conto do vigário*, é dito carioca e revela um hábito praticado por pessoas desonestas visando educar sem, contudo, impingir uma moralidade ao final, pois o escritor percebeu – após observar o comportamento dos filhos enquanto sua esposa, Purezinha, contava-lhes histórias – que as crianças pouco se importavam com ela. O que ele escolhe fazer é usar as personagens do Sítio

para comentar um comportamento que seria esperado de alguém honesto, diferente do que acontecera na narrativa contada por Dona Benta, a avó de Pedrinho e Narizinho que só assume o turno de fala ao final do livro.

Quem domina a narrativa é Tia Nastácia, que é alçada a sujeito detentor do discurso por ser uma fonte viva da sabedoria popular, como bem reconhece Pedrinho nas primeiras páginas do livro: “Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando, de um para outro, ela deve saber. Estou com o plano de espremer tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela”. (LOBATO, 1969 p. 3-4).

Lobato inova ao fazer uma espécie de personificação dos saberes popular e erudito através das personagens Tia Nastácia e Dona Benta, respectivamente. As velhinhas compartilham os turnos de fala durante a narração dos contos, cujos elementos da oralidade causam estranheza aos ouvidos atentos de Emília, Pedrinho e Narizinho. Pedrinho, por ser o leitor mais experiente do grupo, é quem auxilia Dona Benta na tarefa de explicar às crianças as diferenças entre as tradições oral e escrita da literatura, o que revela um recurso pedagógico e metaliterário utilizado pelo autor da obra. É o que se pode perceber após Tia Nastácia narrar o conto “O sargento verde”, que também aparece no livro de José Lins:

Esta história— disse ela — ainda está mais boba que a outra. Tudo sem pé, nem cabeça . Sabe o que me parece? Parece uma história que era dum jeito e foi se alterando de um contador para outro, cada vez mais atrapalhada, isto é, foi perdendo pelo caminho o pé e a cabeça./— Você tem razão, Emília — disse dona Benta. — **As histórias que andam na boca do povo não são como as escritas. As histórias escritas conservam-se sempre as mesmas, porque a escrita fixa a maneira pela qual o autor a compôs. Mas as histórias que correm na boca do povo vão se adulterando com o tempo. Cada pessoa que conta muda uma coisa ou outra, e por fim elas ficam muito diferentes do que eram no começo./— Quem conta um conto aumenta um ponto — lembrou Pedrinho./— Sim, aumenta um ponto e introduz qualquer modificação. Ninguém que ouça uma história é capaz de contá-la para diante sem alteração de alguma coisa, de modo que no fim a história aparece horrivelmente modificada. Todas as histórias do folclore são assim. Há sábios que pegam nessas histórias e as estudam, e vão indo até encontrarem o seu ponto de partida. E mostram as mudanças que o povo fez. (LOBATO, 1969 p. 21-22, grifo nosso).**

A principal diferença entre os dois livros, além de sua extensão, é o fato de que na obra lobateana os contos são seguidos por comentários críticos dos ouvintes a respeito das narrativas, enquanto Rego apenas transcreve, a seu modo, os quatro conto. Tais apontamentos são considerados por nós recursos pedagógicos utilizados pelo autor para comentar as diferenças e importância das tradições orais e escrita.

Desta forma, é natural que os contos provenientes da Europa apresentassem elementos que se repetiam em praticamente todos eles - reis, rainhas, príncipes e princesas - uma vez que eles circulavam no período medieval, como bem esclarece Dona Benta quando interpelada pela neta:

Outra coisa que noto nessas histórias, vovó — observou Narizinho — é que não dispensam reis e rainhas e príncipes e princesas encantadas. Por que é assim? Essas histórias, minha filha, vieram de Portugal, e são dum tempo em que em todos os países do mundo só havia reis. [...] E para a imaginação do povo, os reis, as rainhas e os príncipes eram a coisa mais maravilhosa que havia [...]. O povo é muito conservador, de modo que as histórias que de pais a filhos a gente do povo conta são corocas, vêm do tempo da Idade Média, quando não existiam jornais nem livros. (LOBATO, 1969, p. 23-24).

A repetição de elementos ocorre novamente, agora com números. No conto que aparece apenas no livro de Rego, “A cobra que era uma princesa”, é narrada a história da princesa Maria. Após a morte da rainha, a garota pede ajuda a Labismínia, uma cobra que nasceu enrolada em seu pescoço, para se livrar da ameaça de se casar com o rei. Depois de submeter o pai a uma busca de três vestidos com características incomuns, a princesa vê uma fuga para um reino distante como única possibilidade de escapar do matrimônio. Os três vestidos são usados por Maria durante três dias de uma festa que aconteceu no reino para o qual ela fugiu. Segundo Coelho (2010, p. 156), a constante aparição dos números três e sete nas narrativas —é algo notável nas histórias maravilhosas. Obviamente estão ligados à simbologia esotérica dos números que tanta influência teve nas religiões e filosofias antigas. Em Histórias de Tia Nastácia, tal repetição é comentada por Emília após ouvir um conto chamado — O Caçula:

— O negócio dos três — disse Emília — é coisa que só serve para maçar as crianças. O contador faz isso para espichar a história. Bem se vê que quem as inventa é gente do povo, de pouca imaginação e cultura./ — Bom — disse dona Benta. — O que estou observando é que as crianças de hoje são muito mais exigentes do que as antigas. Eu, quando era pequenina, ficava deslumbrada quando ouvia histórias como esta. Hoje está tudo diferente. Em vez de meus netos deslumbrarem-se, metem-se a criticar, como se fossem uns sabiozinhos da Grécia... (LOBATO, 1969 p. 105).

Acreditamos que essa relação que subverte o papel do sujeito que seria detentor da narrativa por ser mais velho, experiente e letrado. Esses sujeitos aparecem nas figuras de Dona Benta, representante do saber erudito, e Tia Nastácia, que poderíamos considerar

praticamente uma personificação da sabedoria popular. Essa comunicação do narrador com o leitor também abre espaço para que o próprio leitor preencha as lacunas, aguce a imaginação.

Em *Histórias de Tia Nastácia* (1937), chamou-nos bastante atenção a proatividade de Pedrinho, que busca conhecimento da cultura popular diretamente das fontes vivas de que dispunha, como diz ao dialogar com Dona Benta sobre Folclore: “— Uma ideia que eu tive. Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando, de um para outro, ela deve saber. Estou com plano de espremer tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela.” (LOBATO, 1969 p.139)

### **3 Palavras finais**

Acreditamos que este breve estudo acerca das relações existentes entre os contos populares e a arte de narrar cumpriu seu propósito de mostrar o quanto é profícuo e antigo o trabalho dos intelectuais que resolvem achar um ponto de equilíbrio entre a variabilidade da literatura oral e a fixidez característica da escrita.

Os contos populares, tão desvalorizados pelos literatos franceses da época de Perrault, ganharam cada vez mais notoriedade e tiveram sua importância reconhecida na medida em que foram sofrendo adaptações para a versão escrita, enquanto o público leitor foi ficando mais exigente conforme avançava em escolaridade e experiência em leitura.

É possível verificar isso quando cotejados os comentários feitos pelas crianças do Sítio ao final de cada conto de *Histórias de Tia Nastácia*. E, embora algumas vezes haja a repetição do velho preconceito com as particularidades da literatura oral, principalmente da parte de Emília e às vezes de Narizinho, Lobato procura esclarecer a sua importância através das falas de Dona Benta e também de Pedrinho, que faz as vezes de sociólogo ao chamar atenção para a importância dos contos populares para a formação cultural de um povo .

Por sua vez, José Lins do Rego valoriza a literatura oral ao ficcionalizar a velha Totônia, uma verdadeira mestra na arte de narrar, capaz de encantá-lo quando menino e estimular sua imaginação apelando para o fantástico, como ele mesmo revela em *Menino de Engenho* (1932). O fascínio do menino Rego, que se esquecia de suas crises de asma para se deixar envolver pelos príncipes, princesas e mouras-tortas trazidos à vida pela habilidosa voz de Totônia, reverberam na linguagem coloquial dotada de vocábulos comumente utilizados na oralidade, aspectos que se destacam na prosa do romancista paraibano, o que corrobora com a teoria benjaminiana acerca do “dom narrativo”.

## REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Reynaldo Valinho. **Monteiro Lobato, escritor e pedagogo**. Rio de Janeiro: Edições Antares; Brasília: INL, 1982.

ARROYO, Leonardo. **Literatura Infantil Brasileira**. 3. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Unesp, 2011.

AZEVEDO, Carmen Lucia de; CAMARGOS, Márcia; SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato, furacão na Botocúndia**. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo**. São Paulo: Manole, 2010.

LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1951. v. 12, t. 2. (1ª série).

LOBATO, Monteiro. **Histórias de Tia Nastácia**. 32. ed. São Paulo: Brasiliense, 1969.

REGO, José Lins do. **Histórias da Velha Totônia**. 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. 82. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

REGO, José Lins do. **Meus Verdes Anos: Memórias**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1956.

ROMERO, Sílvio. **Contos populares do Brasil**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

SILVA, Amanda. Histórias de Tia Nastácia, de Monteiro Lobato: um olhar crítico sobre textos folclóricos brasileiros. **Intersemiose**, Recife, ano 2, n. 06., p. 80-91. Jul/Dez 2014.